



O BEM VIVER: PARA ALÉM DO ENFRENTAMENTO DO CAPITALISMO

Rodrigo de Amurim dos Reis ¹

RESUMO

O Bem Viver, conceito presente em diferentes povos originários da América Latina, como o Sumak Kawsay (quéchua), o Suma Qamaña (aimará) e o nhandereko (guarani), propõe uma alternativa civilizatória frente à lógica do capitalismo. Diferente do paradigma ocidental moderno, marcado pelo individualismo, pelo consumo e pela exploração da natureza, o Bem Viver defende a harmonia entre seres humanos, sociedade e natureza, numa perspectiva holística de respeito e reciprocidade. A pesquisa, de caráter qualitativo e bibliográfico, buscou compreender o Bem Viver como modo de vida que transcende o enfrentamento do capital, articulando-se com a decolonialidade do saber e do poder. Destacam-se três vertentes principais: a neossocialista estatal, vinculada a experiências como as constituições da Bolívia e do Equador; a ecológica pós-desenvolvimentista, que valoriza sustentabilidade e participação social; e a indigenista, que reafirma a cosmovisão ancestral. Conclui-se que o Bem Viver não é apenas resistência, mas uma proposta de reconstrução de valores em que o ser humano integra a natureza em suas dimensões física e espiritual.

Palavras-chave: Geografia Humanista, Bem Viver, Decolonialidade, Modo de Vida.

RESUMEN

El Buen Vivir, concepto presente en distintos pueblos originarios de América Latina, como el Sumak Kawsay (quechua), el Suma Qamaña (aimara) y el nhandereko (guaraní), plantea una alternativa civilizatoria frente a la lógica del capitalismo. A diferencia del paradigma occidental moderno, marcado por el individualismo, el consumo y la explotación de la naturaleza, el Buen Vivir defiende la armonía entre seres humanos, sociedad y naturaleza, en una perspectiva holística de respeto y reciprocidad. La investigación, de carácter cualitativo y bibliográfico, buscó comprender el Buen Vivir como un modo de vida que trasciende el enfrentamiento al capital, articulándose con la decolonialidad del saber y del poder. Se destacan tres vertientes principales: la neosocialista estatal, vinculada a experiencias como las constituciones de Bolivia y Ecuador; la ecológica posdesarrollista, que valora la sostenibilidad y la participación social; y la indigenista, que reafirma la cosmovisión ancestral. Se concluye que el Buen Vivir no es solo resistencia, sino una propuesta de reconstrucción de valores en la que el ser humano integra la naturaleza en sus dimensiones física y espiritual.

Palabras clave: Geografía Humanista, Buen Vivir, Decolonialidad, Modo de Vida.

INTRODUÇÃO

Este estudo busca discutir os conceitos de Bem Viver, e de suas vertentes, para a melhor compreendê-lo e sua contribuição para a geografia humana. Após apresentá-las, seguiremos a

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia – PPGG-UNIR
amurim@gmail.com



análise pela corrente pachamamista, por entendermos que esta vertente ainda precisa ser melhor compreendida no debate acadêmico. Pois a falta de sua compreensão já levou a ser atacada, gerando conflitos, não só epistemológicos, mas também no campo de atuação dos agentes sociais (ESCOBAR, 2011). Esta corrente traduz o modo de vida dos povos tradicionais e sua relação íntima com a natureza e a espiritualidade.

As outras duas vertentes do Bem Viver, socialista e estatista, e pós-desenvolvimentista e ecologista, embora tenham sua importância para o Bem Viver, serão apresentadas para que tenhamos uma visão ampla, (HIDALGO-CAPITÁN, 2019).

A primeira e originária seria a corrente indigenista e pachamamista, caracterizada pela relevância que se dá a autodeterminação dos povos indígenas na construção do Bem Viver, assim como aos elementos mágico-espirituais (la Pachamama). [...] Estaria vinculada com o pensamento indígena pré-moderno. [...] A segunda seria a corrente socialista e estadista, caracterizada pela relevância que dá a gestão política-estatal do Bem Viver, assim como aos elementos relativos a equidade social. [...] e a terceira seria a corrente post-desenvolvimentista e ecologista, caracterizada por relevância que se dá a construção participativa do Bem Viver, com a inclusão de aportes indigenistas, socialistas, feministas, teológicos e, sobretudo, ecologistas. Falamos do Bem Viver como uma alternativa ao desenvolvimento, como uma utopia em construção [...].

O conceito de Bem Viver tem origem entre os povos andino-amazônicos, derivando da tradução do quéchua Sumak Kawsay e do aymara Suma Qamaña. No contexto guarani, corresponde às expressões Teko Porã ou Nhadereko, que significam “forma de viver” (ACOSTA, 2016, p. 23-24). Trata-se, assim, de uma mudança paradigmática de caráter epistêmico, que rompe com o eurocentrismo e com sua concepção de desenvolvimento e cultura.

No idioma aymara, o mais falado na Bolívia, a expressão suma qamañatakija, sumanqañaw, traduzida ao espanhol, significa “para vivir bien o vivir en plenitud, primero hay que estar bien”, o que implica estar em equilíbrio consigo mesmo e, a partir disso, saber relacionar-se e conviver com toda forma de existência (MANANI, 2010). Para o autor:

En este sentido, Vivir Bien es vivir en comunidad, en hermandad y especialmente en complementariedad. Es una vida comunal, armónica y autosuficiente. Vivir Bien significa complementarnos y compartir sin competir, vivir en armonía entre las personas y con la naturaleza. Es la base para la defensa de la naturaleza, de la vida misma y de la humanidad toda. (MANANI, 2010, p. 34)

Observa-se, nesse sentido, a ruptura com o paradigma de desenvolvimento trazido pelo colonizador europeu, centrado na exploração da natureza e na competição entre os homens em busca do progresso, frequentemente em detrimento dos povos originários e de seus territórios. Em contraposição, a forma pachamâmica de conceber a vida fundamenta-se na interdependência entre todos os seres:



Todos y todo somos parte de la Madre Tierra y de la vida, de la realidad, todos dependemos de todos, todos nos complementamos. Cada piedra, cada animal, cada flor, cada estrella, cada árbol y su fruto, cada ser humano, somos un solo cuerpo, estamos unidos a todas las otras partes o expresiones de la realidad. (MANANI, 2010, p. 35)

Assim, o Bem Viver apresenta-se como uma cosmovisão que compreende a totalidade da vida em sua interdependência, não podendo ser confundido com o conceito europeu de bem-estar social. Como afirma Acosta (2017, p. 14):

O Bem Viver é, essencialmente, um processo proveniente da matriz comunitária de povos que vivem em harmonia com a Natureza.

METODOLOGIA

Esta pesquisa utiliza uma abordagem metodológica qualitativa, do tipo bibliográfica e interpretativa, realizada em artigos, livros, dissertações e teses que abordam a temática do bem viver, decolonialidade. Como categoria de análise geográfica adotaremos o espaço vivido e lugar. Optamos por escolher autores oriundos ou que pesquisaram a pan-amazonia e para fins dessa análise, tendo em vista a valorização da produção acadêmica local.

No campo da Geografia Humanista e Cultural, essa perspectiva tem sido desenvolvida por autores como Gaston Bachelard, Eric Dardel, Edward Relph, Anne Buttimer, Yi-Fu Tuan e Friedrich Bollnow, entre outros.

Nessa mesma direção, Dardel (2011) destaca que o ser humano é construtor e reconstrutor de espaços, deixando neles sua marca como presença na Terra.

Com base nesse referencial, a pesquisa será realizada fundamentalmente por meio de pesquisa bibliográfica, a fim de situar o estudo no campo teórico-metodológico da Geografia Humanista e Cultural e, de modo complementar, dialogar com o pensamento do Bem Viver (Sumak Kawsay). Essa perspectiva, presente nas cosmovisões andinas, abre caminhos para imaginar alternativas ao modelo de desenvolvimento ocidental moderno.

Autores como Acosta (2016) destacam o Bem Viver como oportunidade para construir outros mundos possíveis, fundados na reciprocidade, na harmonia com a natureza e na superação do paradigma utilitarista da modernidade. Huanacuni (2010), por sua vez, apresenta o Vivir Bien como filosofia, estratégia política e experiência comunitária, vinculada ao equilíbrio entre ser humano, comunidade e Pachamama. Já Quijano (1997; 2005; 2012) contribui ao problematizar a colonialidade do poder e ao propor uma leitura decolonial que



relaciona o Bem Viver à necessidade de superar o eurocentrismo e construir epistemologias alternativas enraizadas nas experiências latino-americanas.

Dessa forma, a metodologia proposta busca articular o referencial da Geografia Humanista e Cultural com a filosofia do Bem Viver, para compreender o espaço vivido e o lugar com os sentidos atribuídos às relações entre homem, comunidade e natureza.

REFERENCIAL TEÓRICO

A prática do Bem Viver se extende por toda região andino-amazônica, com suas características físicas e culturais compartilhadas, mesmo na descida da Cordilheira dos Andes para Amazônica. Como exemplo o povo Quechua-Lamas, da província Lamas e outras áreas da amazônia peruana, como os Departamentos de Loreto e Madre de Dios, fazendo fronteira com o Brasil, nos estados do Acre e Amazonas. Compartilhando uma perspectiva amazônica, resguardando as especificidades de cada etnia.

O referencial teórico apresentado constrói um corpo coerente para a compreensão do Bem Viver ao entrelaçar suas origens, conceitos centrais e implicações. Inicialmente, o Bem Viver (ou Sumak Kawsay em quéchua e Suma Qamaña em aymara) é compreendido como uma filosofia de vida e prática ancestral dos povos originários dos Andes, contrapondo-se ao desenvolvimento capitalista e à lógica de acumulação (ALBÓ, 2019; ACOSTA, 2016; ALCANTARA; SAMPAIO,). Ele busca uma vida digna para todos, incluindo seres humanos e a natureza (ACOSTA, 2016; PINHEIRO; FERNANDEZ E HERRERO, 2018;).

Para uma compreensão aprofundada, o referencial explora três correntes principais do Bem Viver: a Pachamamista, a Socialista e a Ecologista (HIDALGO-CAPITÁN; CUBILLO-GUEVARA, 2014). A corrente Pachamamista enfatiza a relação harmônica e espiritual com a Pachamama (Mãe Terra) e a autodeterminação dos povos indígenas (REIS, 2024; BOFF). A Socialista foca na gestão política e estatal para a equidade social e o desenvolvimento endógeno, como exemplificado pela Constituição boliviana de 2009 (GALINDO; LALANDER; DURÁN, 2025). Já a Ecologista promove uma construção participativa do Bem Viver com a natureza, integrando aportes indígenas, feministas e teológicos, e o vê como uma alternativa ao desenvolvimento e uma utopia em construção (ACOSTA, 2016; ALCANTARA; SAMPAIO, 2017).

A vertente pachamamista apresenta uma visão holística que se alinha com a Geografia Humanista, que entende o mundo vivido através das experiências, emoções e valores humanos, e a inter-relação com o espaço e o lugar (TUAN, 1983). O lugar, para Yi-Fu Tuan (1983),



adquire significado através da experiência vivida e das conexões afetivas, harmonizando-se com a topofilia e a cosmovisão pachamamista (REIS, 2024).

Esta vertente é transmitida, ensinada, através de mitos e lendas, que moldam o modo de relacionar-se com a natureza, formando um espaço mítico, “componente espacial de uma visão de mundo, a conceituação de valores locais por meio do qual as pessoas realizam suas atividades práticas” (TUAN, 1983, p.97). Tuan continua dizendo que para algumas pessoas sempre compreenderão o lugar do homem na natureza de uma forma holística. Desta forma, Vásquez descreve em sua obra *El retorno a la Naturaleza* como essa visão holística é entendida pelos Quechua-Lamas:

La realidad cercana, el mundo local o pacha en la visión del poblador quechua-lamas está habitada por entidades diversas. En su morada verde, natural y cultivado están sus plantas silvestres y chacareras, sus animales que cría y los del bosque; se hallan sus puquios, sus riachuelos, lagunas y ríos, y como no, las ánimas y espíritus de las plantas, animales y hasta del mismo humano, todos ellos en continuo diálogo y armonización. Esta visión del mundo tiene su eje de referencia en el bosque, una realidad compleja y saturada de entidades como los espíritus de los árboles que aparecen en los rituales con un dinamismo extremo (...)

Estos espíritus o madres no son seres metafísicos e inmatrimales sino patentes y evidentes a la sensibilidad del poblador local y están considerados como los guardianes del monte, del agua o de un cultivo. Siendo así cualquier incursión de chapaneo como para el mijaneo o para hacer chacra se tiene en consideración a estas deidades a quienes se les solicita su acuerdo para acceder a los productos que nos brinda la sacha, el río, y la chacra. (VÁSQUEZ, 2009, p. 8 e 9)

Incondicionalmente, o referencial adota a decolonialidade, que busca romper com o pensamento eurocêntrico e a colonialidade do poder, dando visibilidade a outras narrativas e saberes (QUIJANO, 2005; ALCANTARA; SAMPAIO, 2017). Pois conforme Quijano “Bien Vivir, hoy, solo puede tener sentido como una existencia social alternativa, como una des/colonialidad del Poder”. Essa abordagem permite reconhecer o Bem Viver não apenas como um conceito, mas como uma vivência prática e uma resistência contínua à exploração.

Esta afirmativa revela que a ideia do bem viver na dinâmica das práticas sociais caracterizada pelo seu aspecto da decolonialidade que representa no contexto da vida e do ser humano em sua condição de uma sociedade em busca da democracia e do valor na realização do ser humano. As palavras do pensador boliviano aymará Simón Yampara em seu texto “Suma Qamaña, lo que se maneja como “Buen Vivir”” (2012, p. 67), se refere ao pensamento da construção do saber:

[...] la mente interactúa con la materia/energía más allá de la escisión sujeto o objeto. No hay sujetos, objetos, hay interacción de redes, pautas, y aquí el inquietante nuevo paradigma” del Suma Qamaña. Ahí están las ideas que hay que ver y nos hacen reflexionar

O conhecimento é muito mais do apenas conhecer e explorar o objeto/coisa, como entendido no positivismo na ciência europeia que evoca um olhar diferente sobre o conhecimento, para



além da fria epistemologia colonialista construída com o surgimento do capitalismo, junto a colonização das Américas. Esses eventos deram base para a posição do apagamento das inúmeras culturas dos povos originários. Ao integrar essas perspectivas, o referencial propõe uma compreensão do Bem Viver como um projeto emancipador que valoriza a harmonia, a reciprocidade e a interdependência entre todos os seres e com a natureza, redefinindo a relação humana com o mundo (ACOSTA, 2016; ALCANTARA; SAMPAIO, 2017; VÁSQUEZ, 2009; MAMANI, 2010).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta condição do viver diante do saber indígena, Hidalgo (2014, p. 29) compreende a abordagem Pachamamista como

caracterizada por la relevancia que le dan a la autodeterminación de los pueblos indígenas en la construcción del sumak kawsay, así como a los elementos espirituales de la cosmovisión andina (la Pachamama y otras divinidades, espíritus, mitos y ritos de las culturas indígenas).

Em primeiro momento podemos observar que o Bem Viver está presente em povos originários da Abya-Yala, que hoje conhecemos como América Latina, em toda essa extensão territorial, do México ao Uruguai, os povos tradicionais sobreviventes a ocupação colonial, massacres e mais recentemente sobreviventes ao modo de vida capitalista. O Bem Viver tem sido a inspiração para um novo paradigma par ao Século XXI, propondo um resgate do modo de vida em harmonia com a natureza, com a mãe terra, a Pacha Mama (Albó, 2019), e uma responsabilidade para o outro, uma equidade social e sustentabilidade ambiental. Desta forma o Bem Viver apresenta um modo de vida do bem conviver em harmonia com a natureza, com os seres, harmonia entre os indivíduos e a sociedade, numa sinergia holística, baseada no respeito e reciprocidade. Assim, a sabedoria ancestral rompe com paradigma capitalista do individualismo, do acúmulo e da destruição da natureza, pois não veem a natureza como Ente, a Pacha Mama, apenas como objeto a ser explorado.

Simón Yampara em "Cosmovivencia Andina", reforça que o Bem Viver (Suma Qamaña) não é apenas para o mundo humano, mas também para o mundo animal, vegetal, das deidades e da terra. Essa cosmovisão concebe o espaço como um tecido de interconexões vivas e espirituais.

O modo de vida do Bem Viver é ameaçado com o capitalismo nascente do mercantilismo europeu, com as chamadas expansões ultramarinas e nos próximos séculos



desenvolveu múltiplas metamorfoses deixando de ser apenas um sistema econômico e tornou-se um modo de vida da modernidade. Esse modo de vida capitalista, baseado no consumo de bens mercadorias e serviços passou a consumir também vidas em seu mais profundo sentido. No primeiro momento consumia vidas nas guerras pelo domínio de território e saques de riquezas minerais além fronteira, vidas perdidas nas guerras, vidas perdidas nas grandes obras, vidas perdidas nos conflitos de invasões de terras tradicionais. Um exemplo, a Estrada de Ferro Madeira Mamoré onde dez mil trabalhadores perderam suas vidas durante sua construção.

Esse avanço do capital causou e vem causando impacto ambiental e social, mudanças na paisagem, extinção várias espécies da fauna e flora, etnias inteiras dizimas e outras drasticamente reduzidas, e muitas vezes expulsas de suas terras tradicionais. Nas cidades, a exclusão social marcada pela violência é um dos maiores efeitos colaterais do capitalismo. Sendo, pois o capitalismo mais que um sistema econômico, como temos dito, um modo de vida, não será possível fazer frente a ele apenas como um sistema econômico, como tentaram os estados socialistas ou a socialdemocracia europeia. É preciso encontrar um modo de vida que traga respostas para as questões humanas e ambientais. Nesse cenário em busca de respostas, um modo de vida tem ganhado destaque como uma possível resposta a autodestruição capitalista é o Bem Viver.

Porém, para além do enfretamento do capital, o Bem Viver é a resistência do modo de vida andino-amazônica, onde o espaço vivo é experienciado não apenas em relação sensível da realidade concreta ou das relações sociais entre humano e natureza. Mas também com o invisível, espiritual, manifestado nas tradições religiosas, mitos e lendas. “Desse modo, as relações são outras porque são relações sagradas, de convivência, de equilíbrio”. (GOMES, 2024, p.31)

Conforme explicou Simón Yampara:

La única respuesta es que ha sabido sobrevivir porque sabe convivir con los diversos o sea, no sólo con la diversidad, sino con los diversos mundos. Y aquí hay algo importante, porque no se preocupa sólo del mundo de la gente, egoístamente, como occidente parece preocuparse sólo del mundo de la gente y hasta nos han hecho creer que el único ser racional e inteligente es el ser humano, y por ahí viene todo el paquete del “desarrollo humano”. Entonces, ¿qué pasa con los otros mundos? Resulta que los aymaras vivimos y convivimos con el mundo animal, con el mundo vegetal, con el mundo de las deidades y con el mundo de la tierra.

Assim ele fornece bases para nossa problemática, de que a sabedoria milenar dos povos andino-amazônicos formam uma compreensão da realidade, a identidade, as relações e o comportamento dos povos com o seu ambiente, contrastando com o pensamento moderno capitalista.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa busca por compreender a o Bem Viver como modo de vida nos mostra que sua vivência é para além do enfrentamento do capital. Como enfrentamento já tivemos modelos econômicos antagônicos ou complementares como socialismo, social-democracia, progressismo. Para além do capital, é a valorização e resgate de uma ancestralidade que entende o ser humano como parte da natureza que deve viver em equilíbrio, e não só como natureza física e sensível, mas também espiritual, confluindo como outra forma de experiência no espaço vivido. As florestas, rios, vales e montanhas tem vida e espírito. Cada ser vivo, espécies de plantas, animais ou riachos são parentes e protegem-se mutualmente (VÁSQUEZ, 2009).

Nosso entendimento de que o Bem Viver é uma proposta para além do enfrentamento do capitalismo se dá por meio da interpretação do Bem Viver pachamamista, onde a mudança de sistema econômico, partido ou classe social que esteja a frente dos governos, conforme nos fala Yampara:

Me parece que “cambio” y “transformación” son conceptos que hay que leer juntos, leer como el “cambio de transformación”, porque una cosa es el “cambio” dentro del sistema mismo que conocemos y que nos da alternativas, como por ejemplo la dicotomía entre las políticas de derecha e izquierda. La derecha quiere sustituir a la izquierda y la izquierda a su vez a la derecha. Creo que en eso consiste la idea convencional del “cambio” y de hecho ése ha sido el único cambio que siempre se ha practicado en Bolivia y que sigue el modelito de estatizar o neoliberalizar. Eso parece entenderse como “cambio”, como “cambiar”. De repente, es cambio de guardia nomás, cambio de regímenes políticos y nada más. Ahí ya hemos hecho cambio. Pero me parece que la cosa va más allá, porque de por medio hay espacios, espíritus... Está el espíritu colonial, está el espíritu del sistema del capital, ¿cómo lograr cambiar realmente eso? Yo creo que ahí está el problema. Ahí yo veo un problema mucho más profundo. Ahí es donde veo la posibilidad del Pachakuti. (Yampara, 2011)

Segundo Yampara (2011), estamos diante de um "problema mucho más profundo" do espírito colonial e capitalista. O texto conclui com a "posibilidad del Pachakuti". Yampara define Pachakuti como o "retorno de uma dupla força e energia, um retorno de Pacha". No enfoque cosmogônico andino, isso implica um "retorno ao processo do Buen Vivir" (Suma Qamaña). Um Pachakuti ocorre quando uma ordem estabelecida perdeu seu equilíbrio e uma transformação radical a encerra para abrir um novo ciclo. Este não é um mero "cambio" dentro do sistema, mas uma ruptura fundamental.

O Suma Qamaña é um "paradigma de existência de bem-estar e harmonia", que busca o bem-estar e a harmonia de todos, não apenas de alguns, e é visto como uma possível solução para a crise da civilização moderna. É "viver bem em harmonia integral, viver e conviver", não só com humanos, mas com o mundo animal, vegetal, das deidades e da terra.



O Pachakuti seria, então, um reestabelecimento da ordem cósmica, que foi quebrada pela colonização espanhola e pela República. Implica o retorno a um modo de vida arraigado na interconexão mítica, onde o homem andino é "encarnação da alma da terra" e sua vida perde sentido quando separado dela. Este retorno é visto como uma forma de "purificar sua vontade numa mística", o que é essencial para o Bem Viver.

Para Yampara (2011), Pachakuti, é uma transformação radical e cíclica que implica o retorno a uma cosmovisão ancestral andina, onde o bem viver (Suma Qamaña) é alcançado através da harmonia integral com todos os "espaços e espíritos" que compõem o território, espaço vivo e lugar sagrado. Desmantelando os "espíritos" colonial e capitalista que impedem essa plenitude. Este é um chamado por uma "justiça cognitiva" que valorize os saberes "pachamámicos" como vitais para construir "mundos e conhecimentos de outro modo"

Desejamos que estas reflexões no permita imaginar campos de saber mais amplas, longo do binarismo “moderno vs pachamamico”, onde a convivência respeitosa esteja acima de uma simples coexistência.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Elefante, 2016.

ALBÓ, Xavier. Suma Qamaña = Viver Bem Juntos. Como medir isso? **Revista de Estudos Bolivianos**, v. 25, p. 99-113, 2019. DOI: 10.5195/bsj.2019.225.

ALCANTARA, Liliane Cristine Schlemmer; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível? **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 40, p. 231-251, abr. 2017.

BOFF, Leonardo. A Dignidade da terra e seus direitos. In: Fórum Justiça Climática e Justiça Socioambiental, 2020. **Formação Continuada e Multiplicadora - 2020 Módulo 1 Direitos da Natureza - a nossa mãe terra**. [S. l.: s. n.], 2020.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ESCOBAR, Arturo. ¿«Pachamámicos» versus «Modérnicos»? **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 15, p. 265-273, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=39622587015>. Acesso em: 16 set. 2025.

GALINDO, J. Fernando; LALANDER, Rickard; DURÁN, Alfredo. Derechos hidroteritoriales y comunidades indígenas: Resistencias y adaptaciones al proyecto hidroenergético de Misicuni, Bolivia. **Revista Chilena de Derecho y Ciencia Política**, v. 16, n. 1, p. 1-28, jun. 2025. DOI: 10.7770/rchdcp-V16N1-art452.



HIDALGO-CAPITÁN, Antonio Luis; CUBILLO-GUEVARA, Ana Patricia. Seis debates abiertos sobre el sumak kawsay. Íconos - **Revista de Ciencias Sociales**, n. 48, p. 25–40, 2014. DOI: 10.17141/iconos.48.2014.1204.

HOLZER, Werther. Fenomenologia e geografia: Edward Relph e a pesquisa do lugar. **GEOgraphia**, Niterói, v. 14, n. 28, p. 167-185, 2012.

HUANACUNI, Fernando. **Vivir bien/Buen vivir: filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales**. 4. ed. La Paz: Instituto Internacional de Integración, 2010.

MAMANI, Fernando Huanacuni. **Buen Vivir, Vivir Bien: filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales andinas**. 4. ed. La Paz: Coordinadora Andina de Organizaciones Indígenas – CAOÍ, 2010.

PINHEIRO, Inez; FERNANDEZ E HERRERO, Beatriz. A filosofia do Bem Viver, inspiradora para uma educação na natureza. **Sarmiento**, n. 22, p. 117-131, 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina. **Anuário Mariateguiano**, Lima, v. 9, n. 9, p. 113-121, 1997.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. Buenos Aires: **CLACSO**, 2005.

QUIJANO, Aníbal. “Bien vivir”: entre el “desarrollo” y la des/colonialidad del poder. **Viento Sur**, Madrid, n. 122, p. 46-56, 2012.

REIS, Rodrigo de Amurim dos. Vivir bien na fronteira: um olhar da geografia humanista e sua discussão na fronteira Brasil - Bolívia. 2024. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2024.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

VÁSQUEZ, Grimaldo Rengifo. **El retorno a la naturaleza: apuntes sobre cosmovisión amazónica desde los Quechua-Lamas**. Lima, Perú: PRATEC-Proyecto Andino de Tecnologías Campesinas, 2009.

YAMPARA, Simon. Suma Qamaña, lo que se maneja como “Buen Vivir. VELARDI, Nicoletta; POLATSIK, Marco Zeisser (orgs.) **Anales Seminario Internacional Desarrollo territorial y extractivismo: luchas y alternativas en la Región Andina**. Centro de Estudios Regionales Andinos Bartolomé de Las Casas, CooperAcción, GRET. Cusco: CBC, 2012. p.261

YAMPARA, Simon Huarachi. Cosmovivencia Andina. Vivir y convivir en armonía integral – Suma Qamaña. **Revista de Estudios Bolivianos**. Vol. 18 • 2011 • doi: 10.5195/bsj.2011.42